

## O estatuto mítico e a dimensão argumentativa em narrativas de enterro produzidas em comunidades quilombolas

### The mythical status and the argumentative dimension in buried treasure narratives produced in quilombola communities

Emanuel da Silva Fontel<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-7805-6464>

Regina Célia Fernandes Cruz<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3985-1024>

Benedita do Socorro Pinto Borges<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-8188-9563>

Thaynara Thays Ferreira Paixão<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-7363-8406>

**Resumo:** Neste artigo, discutimos como a construção de mitos se articula à dimensão argumentativa em narrativas orais, mais especificamente em narrativas de enterro, as quais habitam o imaginário da cultura quilombola e se referem ao enterramento de um tesouro por entidades míticas, que, considerando as qualidades dos indivíduos da comunidade, revelam-lhe não só a existência da riqueza, mas também o local onde ela está enterrada e as instruções necessárias ao resgate. O *corpus* analisado tem sido estudado por Borges (em andamento) e foi coletado em oito comunidades quilombolas do Baixo Tocantins - PA: Itabatinga, Itapocu, Laguinho, Mola, Taxizal, Tomázia, Frade e Laguinho. As bases teórico-metodológicas fundamenta-se na Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2016, 2020), que propõe a noção de dimensão argumentativa como um efeito de sentido projetado pelo enunciador, que pretende não a adesão explícita do enunciatário a uma tese, mas tão somente lhe alterar os modos de ver e de sentir; na noção de mito proposta por Chauí (2020); nos estudos acerca das narrativas de enterro desenvolvidos por Fernandes (2007). As análises demonstram que enunciador e narrador mobilizam operações argumentativas e retóricas para divulgar e

<sup>1</sup> Doutor em Estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Humanas pela Université d'Aix-Marseille I – França. Professora Titular da Universidade Federal do Pará. Bolsista Produtividade CNPq-PQ2.

<sup>3</sup> Doutoranda em Letras – Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

<sup>4</sup> Graduanda da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará



estimular valores éticos e morais importantes para a sobrevivência e resistência da comunidade.

**Palavras-chave:** Narrativa oral; Narrativa de enterro em comunidade quilombola; Estatuto mítico; Dimensão argumentativa; Aspectos retóricos.

**Abstract:** This research aims to discuss how the construction of myths is articulated with the argumentative dimension in oral narratives, more specifically in buried treasure narratives. They inhabit the imagination of quilombola culture and refer to the burial of a treasure by mythical entities, which, considering the qualities of the individuals in the community, reveal the existence of wealth, the place where it is buried and the necessary instructions for its rescue. The analyzed corpus has been studied by Borges (in progress) and was collected in eight quilombola communities in Baixo Tocantins - PA: Itabatinga, Itapocu, Laguinho, Mola, Taxizal, Tomázia, Frad and Laguinho. The theoretical-methodological bases subscribe to the Theory of Argumentation within Discourse (AMOSSY, 2016, 2020), which proposes the notion of argumentative dimension as an effect of meaning projected by the enunciator, who intends not to explicitly persuade the enunciatee to a thesis, but only to change their ways of seeing and feeling; to the notion of myth proposed by Chauí (2020); and to studies about burial narratives developed by Fernandes (2007). The analyzes demonstrate that both enunciator and narrator mobilize argumentative and rhetorical operations to disseminate and encourage ethical and moral values that are important for the community's survival and resistance.

**Keywords:** Oral narrative; Buried treasure narrative in a quilombola community; Mythical status; Argumentative dimension; rhetorical aspects.

## Introdução

A narrativa de enterro<sup>5</sup> caracteriza-se como um gênero discursivo que compõe as práticas orais cotidianas de certas comunidades. Fernandes (2007), em trabalho seminal, coletou e analisou várias formas narrativas orais no Pantanal sul-mato-grossense. Entre essas formas, estão as aqui denominadas *narrativas de enterro quilombola*<sup>6</sup>, que têm sido estudadas, no âmbito da Universidade Federal do Pará, por Borges (em andamento) e por Fontel (em andamento)<sup>7</sup>. Parte desse estudo já se encontra publicado em Borges et. al. (2020).

<sup>5</sup> As narrativas de enterro aqui analisadas têm sido estudadas no contexto das ações propostas por dois projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da Universidade Federal do Pará. Um deles denomina-se *Vozes da Amazônia*, coordenado pela Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz. Nesse projeto, integram-se os planos de trabalho desenvolvidos por Thaynara Thays Ferreira Paixão, em nível de Iniciação Científica (PIBIC) e a pesquisa de doutorado de Benedita do Socorro Pinto Borges, que têm coletado, transcrito e analisado as narrativas de enterro em localidades do Baixo-Tocantins. O outro projeto denomina-se *Estrutura retórica de crônicas brasileiras e sua aplicação no ensino*, coordenado pelo Prof. Dr. Emanuel da Silva Fontel. A produtiva interlocução entre os pesquisadores tem permitido um debate em torno de como as narrativas de enterro incorporam as questões do cotidiano, tema central nas pesquisas que envolvem o gênero crônica. Alguns trabalhos acadêmicos, fundamentados, à semelhança do presente artigo, na interface sociolinguística e Estudos do Texto e do Discurso, já foram desenvolvidos com base na aproximação entre esses dois gêneros discursivos investigados nos projetos supramencionados.

<sup>6</sup> Não ignoramos que o vocábulo *quilombola* nesse contexto gera ambiguidades, no entanto, por economia linguística, manteremos o termo, em vez de *narrativa de enterro de tesouro em comunidade quilombola*, que mais literalmente expressaria a função desse gênero discursivo.

<sup>7</sup> Em uma das ações do projeto de pesquisa *Estrutura retórica de crônicas brasileiras e sua aplicação no ensino* (em andamento), busca-se estabelecer um diálogo entre as narrativas de enterro e as crônicas, considerando um ponto de contingência entre esses dois gêneros, que é à promoção do debate da vida cotidiana.

O *corpus* analisado foi coletado na região do Baixo Tocantins no Estado do Pará, onde se encontram as comunidades remanescentes de quilombo: Itabatinga, Itapocu, Laguinho, Mola, Taxizal, Tomázia, Frade e Laguinho. Parte desse material é exposto no presente artigo.

Nas narrativas de enterro quilombola, verificamos a presença de um narrador que lança mão de várias estratégias argumentativas com diferentes funções, como a de produzir uma instância discursiva cujo status garante a autoridade daquilo que enuncia. Desse modo, pode-se atribuir ao narrador um *ethos* alicerçado das suas credenciais para contar histórias nas quais o enunciatário possa crer. A construção desse estado de crença não pleiteia explicitamente a adesão a nenhuma tese. Muitas vezes há investimentos em afetos e em sentimentos possivelmente despertados no enunciatário, adentrando, em virtude disso, no domínio do *pathos*. Assim, o narrador não parece, *stricto sensu*, pretender persuadir ou convencer o enunciatário, mas apenas alterar o seu estado de crença. Nos casos sob análise, parece pretender retirar o enunciatário de um estado de possível descrença e desconfiança acerca da veracidade da existência de um tesouro que foi enterrado por uma entidade mítica na comunidade e levá-lo a um estado de crença na existência do referido tesouro, o que configura, nos termos de Amossy (216, 2020), a formulação de uma dimensão argumentativa, entendida como a configuração que um discurso assume quando os objetivos de convencer ou persuadir não atendem a um objetivo programático, isto é, não são primeiramente constituídos para fazer com que o interlocutor adira a uma tese específica. A busca de adesão a teses é, por assim dizer, acidental ou secundária. Nesses casos, afirma a autora, o mais importante para o enunciatário é alterar os modos de ver e de sentir do enunciatário (AMOSSY, 2020).

Nesse processo “de fazer crer” nas narrativas de enterro, entram discursivamente em cena uma série de entidades míticas associadas a explicações de base sobrenatural, atuando, dessa maneira, no plano simbólico e constituindo, portanto, um mito (CHAUÍ, 2020), que têm em vista revelar e certificar a existência do tesouro enterrado. O conhecimento do narrador acerca da existência tanto do tesouro quanto das entidades que o gerenciam e das condições que elas impõem ao escolhido para que ele tenha acesso às riquezas o credenciam a dar conselhos e ensinamentos de ordem ética e moral, a fim de garantir a existência, o bom funcionamento e a resistência da comunidade quilombola

Adiante, situamos o gênero discursivo objeto do presente estudo, a noção de estatuto mítico e apresentamos ainda uma análise possível para as estratégias utilizadas pelo enunciatário com vista a sensibilizar o enunciatário relativamente a determinados valores morais e éticos.

## O gênero narrativa de enterro

Nesta seção, apresentamos os diferentes significados e a estrutura narrativa desse gênero nos termos de Fernandes (2007). Em Borges et. al (2020) e em Paixão; Borges; Cruz (2020) tanto os significados quanto a estrutura estão amplamente explicados e exemplificados, razão por que não procederemos de igual modo. Remetemos esses trabalhos ao leitor interessado no tema.

As narrativas de enterro caracterizam-se como uma narrativa oral cujo tema central é a saga de uma pessoa em busca de um tesouro encantado, o qual foi revelado por meio de uma força sobrenatural (FERNANDES, 2007). O pioneiro nos estudos sobre o tema foi Fernandes (2007), que coletou e registrou várias narrativas orais no Pantanal sul-mato-grossense, entre elas, as narrativas de enterro. O nome *enterro* foi dado pelos pantaneiros, pois geralmente o tesouro perdido está escondido debaixo da terra, o que também simboliza a relação do enunciatário com o espaço onde ele habita.

Apesar de caracterizarem-se como variações de uma mesmo gênero discursivo, dada a apenas relativa estabilidade dos enunciados (BAKHTIN, 2011) e dividirem a mesma estrutura formal – o que foi comprovado no estudo de Borges *et. al.* (2020) – as narrativas de enterro coletadas no pantanal e as narrativas de enterro coletadas em comunidades quilombolas são diferentes no que se refere a alguns aspectos do conteúdo temático, o que pode ser justificado pelas diferenças históricas e sociais de seu contexto de produção.

O ponto comum entre as duas é que a ausência de bancos para depósito do dinheiro justificava o enterro, porém, cada uma dessas narrativas apresenta motivações diferentes para que ele acontecesse. Segundo Fernandes (2007), nas narrativas de enterro pantaneiras são citados fatos históricos locais, como, por exemplo, a Guerra do Paraguai. Algumas fazem menção à época das missões.

As comunidades quilombolas do Baixo Tocantins foram construídas por meio de um processo histórico-social iniciado no tempo da escravidão. Atualmente, essas comunidades remanescente, apesar de não serem mais constituídas por escravos, tentam manter sua identidade e culturas preservadas. As memórias desse passado são recorrentes nas narrativas coletadas nas comunidades.

O gênero discursivo em estudo pode ser definido, de forma geral, como uma narrativa em que um tesouro enterrado é revelado a uma pessoa por meio de acontecimentos sobrenaturais. Fernandes (2007) classificou as narrativas de enterro em quatro categorias, considerando a variação de significados: o protoconto, a explicativa, a descritiva e o logro.

Etimologicamente, protoconto pode significar “conto inacabado”, porém o verdadeiro sentido dessa categoria de narrativa de enterro não se refere a uma história acabada, mas sim em gestação, posto que se desenvolve à medida que a história transcorre. Segundo Fernandes (2007, p. 287), o protoconto traz em seu significado certa aproximação com o conto maravilhoso, porque em ambos “é ressaltada a provação do escolhido e do herói”. O herói do conto maravilhoso passa por percalços e provações até a resolução dos problemas. Dessa mesma forma, nas narrativas de enterro quilombolas, o escolhido enfrenta algumas dificuldades até encontrar e desenterrar o tesouro.

Na narrativa do tipo explicativa, há a inserção de elementos que são encontrados em mitos e lendas, com o objetivo de explicar a existência do enterro. Ou seja, quando um fenômeno incompreensível acontece, lança-se mão de explicações do imaginário popular para explicá-lo. Nas narrativas pantaneiras, Fernandes (2007) observou que o mito Mãe de Ouro era mencionado para explicar manifestações de enterro. Já nas narrativas de enterro quilombolas encontramos a história do Pretinho, que, segundo a narradora, é antiga. A aparição desse ser, que faz alusão à lenda do saci, já faz parte do imaginário da comunidade e é usada para justificar a existência de um tesouro encantado.

Além disso, como afirma Borges (em adamento), os relatos de aparição de um ser com a mesma cor de pele dos moradores produzem uma identificação e assumem uma posição de autoridade ao orientar os indivíduos para atitudes e valores que estimulam a resistência do povo negro.

A narrativa do tipo descritiva, por sua vez, tem como finalidade descrever elementos do enterro, ou suas partes, geralmente a marcação, a manifestação e a provação. Nessa categoria de narrativa, não há um enredo propriamente dito. O foco é explicar os detalhes do enterro, como: o local do tesouro, os tipos de manifestações que podem acontecer e as provações pelas quais o escolhido pode passar.

Além da classificação das narrativas de enterro de acordo com seu significado, Fernandes (2007) identificou que a estrutura formal desse gênero poderia ser composta de até seis partes: origem, anúncio, manifestação, marcação, provação e desenlace.

A parte denominada origem transporta a narrativa ao eixo da temporalidade, (FERNANDES, 2007). A origem revela a procedência da riqueza enterrada, no caso das narrativas quilombolas, geralmente é resgatado o tempo da escravidão.

Outra parte da estrutura definida por Fernandes (2007) é a anunciação: revelação do enterro ao escolhido, por meio de sonhos, visões, vozes, dentre outros.

Há casos ainda em que, quando o tesouro não é revelado por meio de sonhos ou visões, o próprio enterro se revela ao escolhido. Nesse caso, trata-se da manifestação, que também está diretamente relacionada à ligação existente entre o narrador e a terra, pois se acredita que, quando o ouro entra em contato com a terra, torna-se encantado e demonstra vontade própria ao se revelar a quem se supõe ser merecedor dele, declara Fernandes (2007).

A marcação é outra parte da estrutura da narrativa de enterro que pode acontecer de duas maneiras distintas: geograficamente, situação em que o dono do enterro conta ao escolhido onde está o tesouro; ou simbolicamente, quando o escolhido, para quebrar o encanto do tesouro, marca, ou seja, batiza o enterro, acendendo uma vela, pingando gotas do próprio sangue etc.

A quinta parte da estrutura é chamada de provação e acontece quando o escolhido passa por testes para provar que é merecedor do tesouro. A honestidade e a moralidade do escolhido são testadas, especialmente em casos em que o tesouro deve ser dividido.

Finalmente, o desfecho da história se dá no desenlace, o qual pode ser positivo ou negativo. Essa parte revela o que aconteceu com o escolhido e o enterro: o êxito, com a retirada do enterro e a obtenção da riqueza; a perda, que pode ocorrer porque o escolhido não teve coragem suficiente para passar pela provação ou quando é enganado por alguém que rouba seu tesouro.

Fernandes (2007) destacou que esse gênero discursivo expressa um anseio coletivo, transmite valores, costumes e preceitos morais dos indivíduos de uma comunidade. A estrutura formal da narrativa é percebida pelo narrador, o qual, por meio da consciência linguística, movimenta suas partes de forma criativa, gerando atualizações. Segundo o autor:

Por consciência linguística compreende-se a assimilação, no âmbito textual, de elementos constitutivos de uma narrativa pelo ouvinte-leitor e do modo como eles se apresentam na reatualização do texto, quando o ouvinte-leitor torna-se narrador. A consciência linguística capacita o narrador a articular e a associar motivos, invariantes e variáveis na atualização de um arquétipo. (FERNANDES, 2007, p. 229).

Em resumo, as narrativas de enterro podem apresentar quatro diferentes significados, que são: protoconto, o qual apresenta certa semelhança com o conto maravilhoso; a narrativa explicativa, que utiliza os mitos e lendas como comprovação da existência do enterro; a descritiva, a qual tem como finalidade descrever e detalhar algumas partes da estrutura da narrativa; o logro, narrativa na qual o desfecho da história se dá com o roubo do tesouro. Sua estrutura pode ser constituída de até seis partes: origem, anunciação, manifestação, marcação, provação e desenlace.

Desse modo, constatamos que a narrativa de enterro de cada comunidade possui uma identidade própria, que vai ao encontro dos seus valores e costumes, no entanto, essas diferentes narrativas parecem encontrar-se no alinhavado produzido pelos diferentes aspectos míticos que as atravessam. A seção seguinte apresenta uma breve discussão teórica acerca noção de mito, na qual este artigo se baseou.

## Estatuto mítico da narrativa de enterro



Um caixão “aluminado”, uma galinha choca e o Pretinho<sup>8</sup> são alguns dos elementos sobrenaturais presentes nas narrativas.

Visto que a própria definição de narrativa apresenta um caráter fantástico – quando a revelação se dá exclusivamente ou por meio de sonhos e visões (anunciação), ou por meio de aparições sobrenaturais (manifestação) –, fica evidente o estatuto mítico das narrativas de enterro. Para compreender esse estatuto, devemos levar em consideração a necessidade intrinsecamente humana de tentar entender e explicar os fatos e os fenômenos incompreendidos, o que resulta na criação de mitos. Segundo Chauí (2000):

Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder etc.).

A palavra *mito* vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar) (CHAUÍ, 2000, p. 32).

A definição acima descrita se mostra pertinente para o entendimento da presença do mito na narrativa de enterro, pois, de fato, entidades míticas são mobilizadas para justificar a origem do tesouro. Chauí (2000) afirma, ainda, que o mito:

tem como função resolver, num plano simbólico e imaginário, as antinomias, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social que não podem ser resolvidas ou solucionadas pela própria sociedade, criando, assim, uma segunda realidade, que explica a origem do problema e o resolve de modo que a realidade possa continuar com o problema sem ser destruída por ele (CHAUÍ, 2000, p. 396).

No entanto, na narrativa de enterro, não é a intenção de resolver “conflitos e contradições da realidade social” que justifica o emprego de elementos míticos e lendários, mas sim o intuito de explicar o enterro de um tesouro. Observamos que a própria menção ao enterro já revela o seu lugar na dimensão do fantástico.

Dessa forma, consideramos relevante a explicação de Benjamin (1987) sobre a narrativa:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1987, p. 203).

A liberdade de poder ler o mundo conforme suas crenças permite aos moradores das comunidades onde os dados foram coletados utilizar o extraordinário, o mítico para explicar os acontecimentos do mundo real.

Segundo Campbell (1990, p. 25), é preciso pensar os mitos de forma incorporada à vida, pois “a mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, com as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos”. Esses rituais são notórios em toda a trajetória do escolhido: na anunciação e na manifestação do tesouro; na marcação simbólica (batismo do tesouro); na provação, na qual o escolhido passa por provas que exigem que ele demonstre sua coragem (seguir uma galinha choca que sai da boca de um pote, por exemplo) ou honestidade (dividir a riqueza com alguém).

Além disso, os elementos e objetos das narrativas de enterro quilombolas que recebem essa segunda camada, situada no campo mítico, fazem parte da identidade cultural e dos

<sup>8</sup> Entidade que guarda semelhança com o saci-pererê.

costumes da comunidade: árvores, igarapés, tachos, fornos, bilhas. De acordo com Lévi-Strauss (1993):

cada mitologia local, confrontada com uma determinada história e com um determinado meio ecológico, muito nos ensina acerca da sociedade de que provém, expõe-lhe as forças motrizes, esclarece o funcionamento, o sentido e a origem das crenças e costumes /.../ (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 174).

Diante do exposto, fica evidente, portanto, que as narrativas de enterro estão diretamente ligadas ao mítico. A própria definição desse gênero discursivo e os objetos mencionados no enredo das histórias estão inseridos no campo do fantástico.

A seção seguinte apresenta nove segmentos de várias narrativas que compõem o *corpus* da pesquisa. Com base neles, busca-se demonstrar como o estatuto mítico atua na configuração da dimensão argumentativa do gênero sob análise.

### Mitos e construção da dimensão argumentativa em narrativas de enterro quilombolas: um exercício de análise

Nesta seção, discutimos a caracterização de uma dimensão argumentativa com base na maneira como algumas categorias retóricas aliam-se a aspectos articulados ao que temos denominado de estatuto mítico das narrativas de enterro quilombolas. Nessa articulação, entidades míticas intervêm tendo em vista alterar o estado de crença do enunciatário. Discutiremos ainda as maneiras como as narrativas de enterro contribuem para a transmissão e a fomentação de princípios e de valores morais à comunidade.

Na provação, que corresponde a uma das partes da estrutura formal dessas narrativas, o escolhido deve enfrentar situações que causam medo ou realizar um pedido que o ser sobrenatural determinou como condição para ser merecedor do tesouro. Bom caráter, coragem, honestidade, lealdade e esperteza são algumas das virtudes que o escolhido deve apresentar para receber a recompensa. Aliás, a coragem é a característica mais exigida como comprovação de merecimento do tesouro. Observemos o segmento da narrativa *Maldição*:

#### SEGMENTO 01

quando a alma vem dizer pras pessoa né” (+) que tá o dinheiro **se a pessoa for lá não tiver medo’ ele tira o dinheiro e fica rico.**

Para descrever o raciocínio presente nesse trecho, podemos aplicar o “modelo entimemático”, proposto por Amossy (2020, p. 150) e abaixo exemplificado. Segundo a autora, por meio desse quadro, pode-se reconstituir um raciocínio silogístico a partir dos entimemas que se encontram subsumidos no discurso:

**Quadro 1.** Modelo entimemático aplicado ao segmento da *Prova de coragem*

Premissa maior ( <i>ausente</i> )	É preciso não ter medo para conseguir tirar o dinheiro e ficar rico.
Premissa menor	Se o escolhido não tiver medo. “se a pessoa for lá não tiver medo”
Conclusão	Logo, conseguirá tirar o dinheiro e ficará rico. “ele tira o dinheiro e fica rico”

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base no modelo de Amossy (2020).

De acordo com Amossy (2020), o silogismo pode ser definido, de maneira ampla, como todo raciocínio dedutivo; é constituído de duas premissas – *premissa maior* e *premissa menor* – e de uma conclusão. Conforme explica Fiorin (2018, p. 17), Aristóteles dividia os raciocínios entre necessários e preferíveis (ou prováveis).

O raciocínio necessário é “aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser

válida” (FIORIN, 2018, p. 17). Do ponto de vista aristotélico, o tipo perfeito de raciocínio necessário era o silogismo demonstrativo. Podemos utilizar, a título de exemplificação, o clássico “*Todos os homens são mortais*” (premissa maior); “*Sócrates é um homem*” (premissa menor); “*Logo, Sócrates é mortal*” (conclusão).

Os raciocínios preferíveis são “aqueles cuja conclusão é possível, provável, plausível, mas não necessariamente verdadeira, porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras” (FIORIN, 2018, p. 18). Um exemplo desse tipo de raciocínio é o silogismo dialético ou retórico. Emprestamos o exemplo utilizado pelo autor:

Todo professor é dedicado.  
Ora, André é professor.  
Logo, André é dedicado.  
(FIORIN, 2018, p. 18)

É provável, é possível que André seja um professor dedicado, mas não é logicamente verdadeiro. Desse modo, “a admissão de certas premissas e, portanto, de determinadas conclusões depende de crenças e de valores” (FIORIN, 2018, p.18). Os raciocínios preferíveis são estudados pela retórica, enquanto os raciocínios necessários pertencem ao campo da lógica.

O entimema, por sua vez, corresponde a um silogismo truncado que se utiliza do implícito, na medida em que o enunciador pode ocultar tanto a premissa maior quanto a conclusão, supondo que, mesmo não sendo enunciadas, serão deduzidas pelo ouvinte.

Retornando ao exemplo do modelo entimemático, podemos afirmar que é provável, ou seja, é possível que o escolhido, se não tiver medo, consiga tirar o tesouro enterrado e ficar rico, porém, não é logicamente provável. Também podemos provar que se trata de algo plausível se utilizarmos uma prova dentro do próprio gênero discursivo: a narrativa com significado de logro, em que o escolhido, mesmo apresentando coragem, ao final, se não for esperto o suficiente, pode ter seu tesouro roubado. Essa reconstrução também demonstra que *pathos*, compreendido como as emoções que o enunciador tenta gerar no enunciatário e *logos*, que, grosso modo, corresponde ao eixo que articula a razão à linguagem, são muitas vezes indissociáveis no funcionamento discursivo (AMOSSY, 2020).

Nem todos os ensinamentos e valores que podem ser transmitidos por meio das narrativas de enterro são expostos explicitamente. É o que demonstra o segmento 2, que apresenta um trecho da narrativa *Prova de coragem*. Como sugere o título, o enredo é voltado para a demonstração de coragem do escolhido:

#### SEGMENTO 02

e aí falaro pra ele OLHA se tu trazer o **pacêro** (++) **corajuso**’ (+) se tu não conseguir tirar com pacêro cê vão/ cê vão apanhá’ /.../ agora se tu desistí num vai ficar por isso’ vai acontecer alguma coisa contigo’ (Borges em andamento)

De acordo com o segmento 02, o escolhido poderia convidar um parceiro que apresentasse coragem suficiente para ir até o fim da empreitada. A desistência implicaria punição: eles iriam “apanhar”, ou seja, seriam castigados fisicamente, e, ainda mais, aconteceria algo que a “voz” – é como o narrador denomina esse ser sobrenatural – não especifica (“vai acontecer alguma coisa contigo”). Diferentemente do que apresenta o segmento 02, no segmento 03, a provação é anunciada pelo ser sobrenatural. Nessa narrativa, a “voz” somente diz que ele e o parceiro devem ser corajosos. O narrador continua a história dizendo que o escolhido optou por ir sozinho retirar o dinheiro. O segmento 3, abaixo, apresenta a estrutura narrativa correspondente à provação na narrativa *Prova de coragem*.

#### SEGMENTO 03

aí chegu lá começu a cavar’ (+) aí le/ **ele tá pensando que é só chegar e cavar** que num tinha um movimento daqui alguma coisa estranha né” (++) /.../ **aí veio uma voz**’ (+) cava pra cá pra esquerda ele falava aí: (+) mais pra

direita' (++) aí: **ele começu ver o negócio mu::ito** aqui ele **ficou com medo'** ele começu querê saí ele falou não' tu vai tê/ tu vai tê que terminar o selviço (+) /.../ ele pensava que num era assim (Borges em andamento)

O narrador afirma que o escolhido tinha uma ideia equivocada de como seria essa retirada do dinheiro (“ele tá pensando que é só chegar e cavar”; “ele pensava que num era assim”). A provação aconteceu de duas formas: uma prova de obediência, a “voz” dando instruções de onde cavar para encontrar o dinheiro; uma prova de coragem, na qual algo que o escolhido viu (“ele começu a ver o negócio”) lhe causou medo.

A seguir, no segmento 04, temos o desenlace também da narrativa *Prova de coragem*.

#### SEGMENTO 04

DEIXARO ele vim' (+) e aí ele veio (++) **passu a noite inteira com dor de cabeça** e eu sei que até huje i:/ **ele tá meio mais doido como diz do que bem'** (Borges em andamento)

Após várias tentativas de desistência, enfim, o escolhido consegue ir embora do local do enterro, porém, a punição foi aplicada. Por não ter sido corajoso para finalizar a missão, o escolhido teve dor de cabeça a noite inteira, o que, aparentemente, causou-lhe doenças mentais desde então.

Diante desse cenário, devemos buscar entender de que maneira essa narrativa, mesmo sem pretensão explícita de busca de adesão a uma tese, apresenta uma “moral da história”. Podemos encontrar a argumentatividade desse gênero discursivo investigando o “não dito” ou “o poder do explícito”, de acordo com Amossy (2020).

O implícito contribui para a força da argumentação na medida em que empenha o alocutário a completar os elementos ausentes [...] [e] reforça a argumentação ao apresentar, sob uma forma indireta e velada, as crenças e opiniões que constituem suas premissas incontestadas. (AMOSSY, 2020, p. 178-179.)

Nesse viés, os ensinamentos compartilhados pela história contada serão construídos pelo ouvinte a partir de seus próprios valores e crenças. Os excertos da narrativa *Prova de coragem*, apresentados no segmento 04, permitem inferir que é preciso ter coragem para passar pelas provações e alcançar sucesso. Isso se aplica tanto à missão de desenterrar um tesouro encantado quanto a outros percalços da vida.

O excerto 05, a seguir, pertence à narrativa *O caixão aluminado*. Em suma, trata-se de uma escolhida que vê um caixão “aluminado” (iluminado) e é chamada por alguém para buscar uma riqueza. Amedrontada, conta para o marido, o qual vai ao lugar marcado tentar retirar, entretanto, não encontra nada. Ao final da história, ocorre o seguinte:

#### SEGMENTO 05

o cara veio no SONHO dela' (+) e disse olha ERA PRA TI não era pra ele' (++) então **era pra ti ir só tu ir buscar** e num ia te acontecer nada' **agora tu não fica com nadinha' nem tu e nem ele** (Borges em andamento)

A escolhida não cumpriu a regra segundo a qual somente o escolhido pode retirar a riqueza. Observamos essa condição em várias narrativas, quando o tesouro se manifesta na presença de escolhido e some na presença de outras pessoas. A punição para a infração de regras é a perda do tesouro (“tu não fica com nadinha”).

Abaixo, no segmento 06, apresentamos outro trecho da narrativa *O fogo*, na qual a escolhida também não teve coragem de retirar o tesouro e contou para outras pessoas sobre a existência dele.

#### SEGMENTO 06

e faziam tipo uma RIMPADA assim no punho da rede' aí vovó (+) ficava assim' dizia assim **tu vai apanhar'** pra ti tudo tu conta pros outro (+) pra **O QUÊ tu saber tu não contar pro outro'** (Borges em andamento)

Além da falta de coragem para buscar o tesouro, a escolhida infringiu outra regra frequentemente imposta como provação nas narrativas de enterro: não se deve contar para ninguém o segredo que envolve o local onde o tesouro está enterrado, a não ser que seja permitido pelo dono da relíquia. Dessa forma, com base nos segmentos 05 e 06, o enunciário deve alterar a sua visão de mundo, entendendo a importância moral do ensinamento, segundo o qual é importante saber guardar segredos.

O segmento 07, apresentado a seguir, faz parte da narrativa *Ambição*:

#### SEGMENTO 07

falaru que o dinheiro era pra ele com paulo pinto' que era irmão do tio roxo (++) e aí o papai usou a **ambição** e disse que o/ ele ia convidar o mané borge que era irmão dele né" /.../ e quando ele chegou lá: (+) **o dinheiro já num estava mais' já tinha/ sumido'** (Borges em andamento)

Nessa narrativa, também é possível observar a transmissão de princípios morais; nesse caso, a honestidade e a desambição. O dinheiro deveria ser dividido entre o protagonista e outro personagem que também foi considerado merecedor do tesouro. Porém, como diz o narrador, ele usou a “ambição” e chamou outra pessoa para retirar o tesouro com ele. Por ter agido contra a determinação de quem lhe doou o dinheiro, tornou-se indigno de retirar o referido tesouro (“o dinheiro já num estava mais”).

No segmento 08, exposto a seguir, temos um trecho da narrativa *Bico de vela*:

#### SEGMENTO 08

disque **o homem enganou ela** (0.36) DEU OUTRAS MOEDA e ficou com aquelas (+) e ela nu/ **num se lucrou de nada** (2.33) (**já pensou**)” (Borges em andamento)

É interessante observarmos que a escolhida, mesmo passando por todas as provações (ter coragem e batizar o tesouro), perde as moedas de ouro no final. A escolhida perdeu o tesouro para alguém mais esperto, dessa forma, o narrador alerta: a prudência e a desconfiança em relação a pessoas próximas devem permanecer sempre aguçadas” (FERNANDES, 2007, p. 300).

Além disso, também é possível perceber, no trecho supracitado, o apelo ao *pathos* inscrito de forma implícita como uma estratégia de sensibilização do ouvinte. Toda essa história pode suscitar uma resposta emocional do interlocutor, porém, isso é mais perceptível no trecho: “ela num se lucrou de nada”, seguido do convite da narradora à reflexão: “já pensou?”. De acordo com Amossy (2020, p. 208), a emoção pode ser construída no discurso a partir de enunciados que carregam emoções e “que levam a uma determinada conclusão afetiva”. Nesse contexto, tendo em consideração todo o enredo que leva ao logro da escolhida, podemos chegar a uma conclusão: ele [o homem que enganou a mulher] não foi justo. Nessa narrativa, são mobilizados a compaixão pela escolhida e o sentimento de injustiça.

Benjamin (1987, p. 200) declara que a narrativa:

tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1987, p. 200-203)

Diante do exposto, concluímos que as narrativas de enterro podem ser uma fonte de transmissão e fortalecimento de crenças e valores, às vezes tácitos, compartilhados por uma comunidade.

Mais uma vez, a dimensão argumentativa se mostra constitutiva das narrativas de enterro, visto que Amossy (2020, p. 12) define a argumentatividade, também presente no enunciado, como algo “que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver e de

sentir”. Por outro lado, são recorrentes os elementos míticos que atuam nessa dimensão. A alma que vem dizer algo; a voz espectral que exige uma prova de coragem; uma galinha choca; o pretinho que se assemelha ao saci-pererê; o cara que, em sonho, revela o local do tesouro, mas exige a manutenção do segredo e do mistério, entre outros, são elementos que, ao intervirem diretamente nas ações narradas, instituem claramente um estatuto mítico para as narrativas de enterro de tesouro em comunidades quilombolas.

### Considerações finais

Nesse estudo, analisamos um aspecto específico da narrativa de enterro - o caráter mítico - usado pelo narrador como estratégia que autoriza considerar a existência de uma dimensão argumentativa nesse gênero do discurso, que, embora não apresente um caráter tipicamente persuasivo, na medida em que nele o enunciador não exige do enunciatário a adesão explícita a uma tese, sutilmente busca encaminhar a comunidade onde circula o gênero a desenvolver valores éticos e morais primordiais para a sobrevivência e resistência da comunidade.

No caso específico das narrativas de enterro quilombolas, a fomentação de valores morais e éticos como a coragem, a capacidade de guardar segredos e a honestidade, tematizados nesse gênero discursivo, são estratégias que parecem tentar encaminhar os indivíduos para as regras legais de sobrevivência em sociedade e estimular neles a capacidade de resistir tanto no mundo real quanto no imaginário.

### Referências

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BORGES, B. S. P. **Vai tirar um dinheiro que é teu**: caracterização prosódica e multimodal das narrativas de enterro. Tese (Doutorado em Letras) – UFPA/ILC/PPGL, Belém, Em andamento.

BORGES, B.S.P. et al. Aspectos estruturais da narrativa de enterro. **Sociodialeto**, [s. l.], v.10, n. 30, p. 115-138, abr. 2020. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/278>. Acesso em: 22 set.2021.

CAMPBELL, J. Mito e o mundo moderno. In: **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.



CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 31-38, 395-400.

FERNANDES, F. A. G. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. **História do Lince**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 166-175.

PAIXÃO, T. T. F.; BORGES, B. S. P.; CRUZ, R. C. F. A estrutura formal das narrativas de enterro das comunidades quilombolas de Cametá. In: **VIII Seminário de Geossociolinguística (SEGEL)**, 2020, Belém. Desafios para os estudos Geossociolinguísticos: diversidade e respeito às identidades. Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019. v. 8. p. 40-56. Disponível em:  
<[https://geolinterm.com.br/segel/?page\\_id=2471](https://geolinterm.com.br/segel/?page_id=2471)>

[Recebido: 28 set 21 - Aceito: 28 out 21]